



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

**ANA MARIA DE SOUSA BRITO**

**AS MUDANÇAS NA FORMAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA  
PERSPECTIVA DE VARIAÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2017**

**ANA MARIA DE SOUSA BRITO**

**AS MUDANÇAS NA FORMAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA  
PERSPECTIVA DE VARIAÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Letras – Licenciatura em Língua  
Portuguesa, da Unidade Acadêmica de  
Letras do Centro de Formação de  
Professores da Universidade Federal  
de Campina Grande.**

**Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio  
da Silva**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

B862m Brito, Ana Maria de Sousa.

As mudanças na formação histórica da língua portuguesa: uma perspectiva de variação no livro didático do 6º ano / Ana Maria de Sousa Brito. - Cajazeiras, 2017.

38f.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Língua portuguesa. 2. Latim. 3. Variação lingüística. 4. Livro didático. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 811.134.3

**ANA MARIA DE SOUSA BRITO**

**AS MUDANÇAS NA FORMAÇÃO HISTÓRICA DA LÍNGUA PORTUGUESA:  
UMA PERSPECTIVA DE VARIAÇÃO NO LIVRO DIDÁTICO DO 6º ANO**

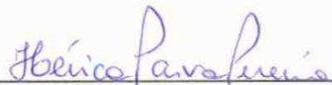
Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovado em: 12 / 09 / 2017

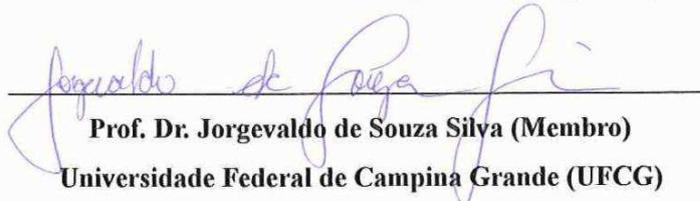
**BANCA EXAMINADORA**



**Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva (Orientador)**  
**Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**



**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Hérica Paiva Pereira (Membro)**  
**Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**



**Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva (Membro)**  
**Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)**

*Dedico este trabalho em especial aos meus pais, filhas, irmãos e esposo que sempre me apoiaram em meus estudos. Sem ajuda, compreensão, confiança deles não seria possível ter chegado até aqui.*

*Aos meus sobrinhos por todo o amor, pelos momentos de alegria a me proporcionado durante essa jornada.*

*Aos amigos pela convivência, aprendizado e momentos inesquecíveis.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por me proporcionar força, coragem, garra, sabedoria, discernimento para o enfrentamento durante esta jornada de lutas e conquistas por novos conhecimentos;

À meu orientador o Professor Abdoral Inácio da Silva pela paciência e inúmeros conhecimentos mediados durante as orientações;

A todos os professores UAL/CFP/UFCG que contribuíram diretamente para o meu sucesso acadêmico, na construção de saberes e valores éticos balizadores para o devir da profissão docente;

Ao Subprojeto PIBID por ter me proporcionado a oportunidade conhecimento profissional e analítico sobre o que concerne à escola. Bem como, as inúmeras experiências e conhecimentos que esse Projeto me possibilitou.

Aos colegas de turma, pelas experiências compartilhadas no intuito de garantir uma formação de qualidade e busca por constantes saberes;

Aos professores e pais/responsáveis, pela oportuna e gratificante concessão de suas vivências e experiências partilhadas, cujo trabalho não se concretizaria se não fosse por suas relevantes contribuições.

A todos os que colaboraram direta ou indiretamente meu muito obrigado!

**“Quase me apetece dizer que não há uma língua portuguesa, há línguas em português”**

**(José Saramago)**

## RESUMO

A língua é muito mais que um amontoado de regras gramaticais, é viva e mutável, isso tem sido constatado na própria história das línguas romanas e germânicas. Através desta constatação, este trabalho tem como objetivo analisar a variação linguística no ensino de Língua portuguesa, através do livro didático, nosso objeto de estudo. Assim sendo, este trabalho monográfico se fundamenta no material teórico Sociolinguística Variacionista, numa interface com a teoria Sociointeracionista, bem como os estudos que os autores: Alkimim (2011), Bagno (2004) e Teyssier (2004), entre outros que também foram de fundamental importância para o desenvolvimento desta pesquisa e organização do trabalho escrito. Entre os muitos resultados possíveis, verificou-se que o livro didático contradiz os próprios objetivos determinados pelo programa do ensino de língua portuguesa, por essa razão, o livro é importante, mas não pode ser tido como um único objeto pedagógico de ensino.

**Palavras-chave:** Latim. Língua Portuguesa. Variação Linguística.

## **ABSTRACT**

The language is much more than a heap of grammatical rules, it is alive and changeable, this has been verified in the own history of the Roman languages and Germanic. Through this finding, this work aims to analyze the linguistic variation in the teaching of Portuguese Language, through the textbook, our object of study. Thus, this monographic work is based on the theoretical material Sociolinguística Variacionista, in an interface with the Sociointeractionist theory, as well as the studies that the authors: Alkimim (2011), Bagno (2004) and Teyssier (2004), among others that also were of fundamental importance for the development of this research and organization of written work. Among the many possible results, it was found that the textbook contradicts the very objectives determined by the Portuguese language teaching program, for this reason, the book is important, but can not be considered as a single pedagogical object of teaching

**Keywords:** Latin. Portuguese language. Linguistic Variat

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
1 ASPECTOS GERAIS SOBRE O LATIM .....	11
1.1 O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL.....	15
1.2 DIRECIONAMENTOS DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	17
2 ASPECTOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS DO BRASIL .....	24
2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	24
3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO .....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	39
REFERÊNCIAS.....	40

## INTRODUÇÃO

A língua portuguesa é uma língua antiga e muito rica, pois seu percurso até aqui é permeado por mudanças e transformações apoiadas na junção e dissolução de culturas e povos. Um longo processo que nos permite entender, hoje, muitas questões inerentes a língua, como por exemplo, a variação linguística que é explicada a partir da função social da língua e da sua capacidade de se estender para além das fronteiras e para além do tempo que a propõe como regra.

A língua é muito mais que um amontoado de regras gramaticais, é viva e mutável. Pensando nessa premissa, este trabalho começou a ser desenvolvido a partir da pergunta-problema: como é tratado o ensino de língua portuguesa, no que se refere a abordagem da variação linguística, no livro didático? Será que os manuais pedagógicos têm auxiliado os professores a levar essa questão para sala de aula sem preconceito e sem fragmentar a língua portuguesa em duas?

Para responder a estes questionamentos, traçamos como objetivo principal a análise do *corpus* selecionado do livro didático do ensino Fundamental II (6º ano), dos autores Thereza Cochar e William Cereja; buscando verificar a abordagem da variação linguística no ensino de língua portuguesa.

Os nossos objetivos específicos estão pautados na sequência dialógica das teorias utilizadas, pontua-se, assim, como tais: desenvolver um aparato histórico sobre o processo de mudança da língua portuguesa; conhecer as principais motivações culturais e sociais da língua portuguesa no Brasil; averiguar a postura do professor de língua portuguesa frente aos desafios do ensino de língua materna e compreender a importância do livro didático na abordagem da variação linguística.

Assim sendo, este trabalho monográfico se fundamenta no material teórico Sociolinguística Variacionista, numa interface com a teoria Sociointeracionista, bem como os estudos que os autores: Alkimim (2011), Bagno (2004) e Teyssier (2004), entre outros que também foram de fundamental importância para o desenvolvimento desta pesquisa e organização do trabalho escrito.

## 1 ASPECTOS GERAIS SOBRE O LATIM

A língua latina é uma das línguas mais antigas do mundo, de modo geral, sem delimitação de um período determinado, a imprecisão do termo, devido a sua antiguidade. Durante muito tempo o latim foi a língua oficial dos representantes do poder Romano. Com busca a resolver as ambiguidades que pertencem o termo latim, a língua latina foi decomposta em períodos, os quais se ligam, de certo modo, à história política de Roma.

Segundo Amini Boainain Haury (1984, p. 23), o latim passou por alguns períodos, a saber:

- ❖ **O primeiro**, o Latim pré-histórico ou época pré-histórica que se deu das origens até o século IX, e foi a língua dos primeiros habitantes do Lácio. Nesse período ainda não existiam dados escritos;
- ❖ **O segundo** período foi o proto-histórico, que ocorreu durante o século IX ao XII. É esse Latim que aparece nos primeiros documentos da época. E traz como exemplos algumas palavras, como: *estrata* > estrada; *conelio* > coelho; *artigulo* > artigo.
- ❖ **O terceiro** período, a época histórica, ocorreu do século XII em diante, subdivide-se em duas fases: a arcaica e a moderna, tendo como marco divisório o século XVI. Na fase arcaica a língua era, nos séculos XIII e XIV, o galego- português, denominação dada à expressão oral e escrita. Essa transformação da língua manifestou-se em antigos textos literários, dos poetas Nívio, Plauto, Ênio e Catão, em epitáfios e textos legais. Inicialmente pobre, com vocabulário reduzido e estruturas morfossintáticas não determinadas. Exemplos: *manu*> port. mão; *leones*> port. leões; *canes*> port. cães.

E dessa forma, seguiu a evolução da língua em todos os aspectos, na escrita e na oralidade. Esse fato linguístico pode ser observado também na atualidade, com ocorrências que dão ao teórico/analista um grande referencial às suas pesquisas, tais como:

- ❖ As gírias: gata, para mulher bonita; mano, para chamar um colega; abacaxi, para se referir a um problema.
- ❖ As expressões populares: abaixa a bola, que quer dizer: fique calmo; abafar o caso, que quer dizer: guarde segredo, não conte para ninguém.

- ❖ As síncope: mala> maa> ma, e modernamente: para> pra> pro; exceção> exceção.
- ❖ As aféreses: enojo> nojo; enamorar> enamorar; está> stá> tá (oralidade), e outros fenômenos linguísticos.

Voltando a parte história de Roma, de acordo com Martins (2004, p. 19),

[...] são muito expressivas as palavras de Meillet (1933: 121-2), que afirma que durante seis a oito séculos de Império Romano, do século III a.C. ao século II d.C., ou até mesmo ao século V d.C., a língua latina conservou uma aparente fixidez, mas que não correspondia à sua situação linguística real. A imobilidade aparente da forma visível, escondia uma mudança radical que existia na estrutura interna da língua, resultado da evolução do latim que continuava prosseguindo.

De acordo com a mesma autora, inicialmente, pegando a fase das origens, o latim era relativamente uniforme, sendo foco irradiador dessa unidade o *sermo urbanus* de Roma. Trata-se do latim arcaico, uma língua formada pelos camponeses, influenciada pelo indo-europeu.

Em relação a divulgação dessa língua, muitos eram os meios, mas a maior parte passada pelas camadas mais inferiores em relação aos nobres que utilizavam somente o latim clássico. O latim vulgar se estendia a medida que o império romano ia conquistando outros povos, através dos soldados compartilhava sua língua com outros soldados e assim ia se passando de pessoa para pessoa até se ter um número considerável de grupos usuários da mesma pronuncia e do mesmos léxicos. Ao mesmo tempo se era aprendido a prosódia e a língua de outros. Diante desse fato, formava-se um latim mestiçado, pois se casava com os dialetos afins e por isso mesmo apresentava arcaísmos condenados em Roma. Quando os romanos começaram a se projetar, o latim era um mosaico de raças.

A língua portuguesa é um prolongamento do latim levado pelos romanos à Península Ibérica. Por esse motivo, há uma inter-relação entre o seu histórico e a história da Península. Apesar de que pouco se sabe a respeito dos povos que habitavam a Península antes da invasão romana (séc. III a.C.), destaca-se que a Península Ibérica era habitada pelos iberos, povo mais antigo de origem agrícola e

responsável pela nomeação dada à Península pelos historiadores gregos. (CARVALHO; NASCIMENTO, 2013).

A riqueza da região peninsular em ouro e prata despertou a cobiça de outros povos, entre eles, fenícios e gregos. O resultado da luta pela posse da região foi a derrota e expulsão dos gregos no ano de 1100 a.C. Os fenícios, então, se fixaram na costa meridional da Península, porém como não possuíam características colonizadoras, pois vivam da navegação e comércio, perderam território aos indígenas (COUTINHO, 1977).

Em época posterior (séc. V a.C.), deu-se a penetração dos celtas, povo turbulento e guerreiro. Com o correr dos séculos, mesclaram-se com os Iberos dando origem aos povos Celtiberos. Os cartagineses, da mesma raça dos fenícios, estabeleceram colônias comerciais em vários pontos da Península. Eles falavam o dialeto fenício denominado púnico e pretendiam dominar a Península. Os celtiberos chamaram em seu socorro os Romanos. (CARVALHO; NASCIMENTO, 2013).

Roma em reação ao grande desenvolvimento dos cartagineses declarou, de acordo com Coutinho (1977), guerra a eles (que se prolongou de 264 a 146 a.C.), por isso no século III a.C, os romanos invadiram a Península com o intuito de sustar a expansão de Cartago, que constituía séria ameaça ao domínio do mundo mediterrâneo, pretendido por Roma. Vencida Cartago, os romanos dominaram toda a Península, tornando-se ela província romana em 197 a.C. Inicia-se assim uma dominação que vai além da esfera político-militar. Roma, paralelamente à sua conquista territorial, impunha aos vencidos seus hábitos, cultura, suas instituições, os seus padrões de vida e sua língua: o Latim. (CARVALHO E NASCIMENTO 2013).

Assim, vale salientar que os romanos estabeleceram de forma impostora o uso do Latim. Ao dominar o espaço dominou o povo, a cultura, abriram escolas, construíram estradas, templos. Com uma nova organização sendo construída, os romanos obrigavam que o latim fosse a língua oficial, de modo que o seu uso era exigido nas transações comerciais e nos atos oficiais e na organização do serviço militar.

A península, no século V, já estando totalmente romanizada, em termos de política, cultura e língua. Com a invasão dos bárbaros o império entra em decadência, porém, mesmo vencedores, este povo adotou a civilização e a língua latina para continuar. Porém, ocasionaram a dissolução da unidade do império.

Fecharam escolas, e com a isso a camada romana que cuidava exclusivamente das letras foram desaparecendo.

Esses eventos fizeram com que o latim ficasse livre para se modificar, e ocasionando o uso de duas modalidades do latim: o latim vulgar e o latim clássico.

Nesse sentido,

O latim que se vulgarizou no território ibérico foi o do povo inculto, ou seja, o latim vulgar, que era somente falado. Era a língua do cotidiano usada pelo povo analfabeto da região central da atual Itália e das províncias: soldados, marinheiros, artífices, agricultores, barbeiros, escravos, etc. Era a língua coloquial, viva, sujeita a alterações frequentes e que apresentava diversas variações (COUTINHO, 1977, p. 25).

O latim clássico era a língua falada e escrita, artificial e rígida, era o instrumento literário usado pelos grandes poetas, prosadores, filósofos; e mais tarde pelos conventos ou mosteiros que guardavam as tradições da língua latina. Os povos vencidos continuavam sendo obrigados a falar latim, mas a modalidade imposta era o latim vulgar, pois se considerava a diversidade de povos e as respectivas línguas que falavam. Por essa razão, em cada região o latim vulgar sofreu alterações distintas, resultando no surgimento dos diferentes romances (latim vulgar modificado), e posteriormente nas diferentes línguas neolatinas.

Na continuação desse processo histórico, cabe ainda dizer que, Conforme Carvalho e Nascimento (2013, p. 25):

[...] as invasões não pararam por aí. No século VIII, a península foi tomada pelos árabes, sendo que o domínio mouro foi mais intenso no sul da península. Formou-se então a cultura moçárabe, que serviu por longo tempo de intermediária entre o mundo cristão e o mundo muçulmano. Apesar de possuírem uma cultura muito desenvolvida, esta era muito diferente da cultura local, o que gerou resistência por parte do povo. Sua religião, língua e hábitos eram completamente diferentes. O árabe foi falado ao mesmo tempo que o latim vulgar (romance). As influências linguísticas árabes se limitam ao léxico no qual os empréstimos são geralmente reconhecíveis pela sílaba inicial al- correspondente ao artigo árabe: alface, álcool, alcorão, álgebra, alfândega... outros: bairro, berinjala, café, califa, garrafa, quintal, xarope... Embora bárbaros e árabes tenham permanecido muito tempo na península, a influência que exerceram sobre a língua foi pequena, ficando restrita ao léxico, pois o processo de romanização foi muito intenso. (*grifos nossos*).

Com vários processos sucessivos de guerras e tomadas de poder, a língua levada para o para o Brasil, após um longo período de transformações na Idade média. Tal fato sucedeu no momento das amplas navegações entre o século XV e XVI.

## 1.1 O DESENVOLVIMENTO DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

A história da língua portuguesa no Brasil segue alguns períodos pontuais, data-se que no início do século XVI, quando os portugueses faziam seus primeiros contatos com o Brasil, o sistema verbal era denominado “língua de preto”, que admitia o uso variável de flexões verbais e nominais.

Nos estudos de Teyssier (2004), iremos destacar a história do português no Brasil sendo observada a partir de três períodos, avaliando como componente definidor a maneira de sua relação com as demais línguas usadas no Brasil desde 1500. Tudo se inicia com a colonização até à chegada de D. João VI (1808), o território em que os portugueses vivem é hoje o Brasil, lá estavam reunidas as línguas indígenas. O dado histórico é de que pouco mais de um milhão de indígenas falavam cerca de 300 línguas diferentes.

Segundo Ilari (2001, p. 25),

[...] duas línguas foram descritas no Brasil-colônia, o tupinambá (língua do litoral brasileiro da família tupi-guarani), que foi usado como língua geral na colônia, ao lado do português, graças aos padres jesuítas que haviam estudado e difundido a língua; e o Kariri, falado no Sergipe em partes da Bahia e do Pernambuco.

Por muito tempo, viveram paralelos o português e o tupi, nas palavras de Teyssier (2004), um período de bilinguismo que perdurou entre os anos de 1533 a 1654. Tratava-se de um tupi simplificado, “gramaticalizado” pelos jesuítas, que depois se tornou língua comum. Nesse período de bilinguismo, os indígenas, africanos e mestiços aprendem o português, de maneira imperfeita, pois foram obrigados a aprender ligeiramente a língua dos seus superiores na escada social da época. Com tal imposição mediada pelo contato social e interlinguístico formou-se, entre índios, negros e mestiços, uma linguagem rude, contudo mais monarca, de

gente inculta, chamada crioulo ou semicrioulo, que foi alastrada pelos sertões, tornando-se a linguagem popular do interior brasileiro.

Conforme Ilari (2001),

[...] a língua geral entra em decadência entre 1654 a 1808, limitando-se às povoações do interior e aos aldeamentos dos jesuítas, fortalecendo o português pela costa, praticando-se falares crioulos, índios e africanos no interior. Vários fatores contribuíram para o enfraquecimento da língua geral, entre eles a chegada de numerosos imigrantes portugueses seduzidos pela descoberta das minas de ouro, o Diretório criado pelo marquês de Pombal em 3 de maio de 1757, que tinha como um dos principais objetivos ordenar que fosse extinta a distinção entre brancos e índios e a expulsão dos jesuítas em 1759, que afastava da colônia os responsáveis pelo ensino, disseminação e proteção da língua geral. Em 1758, a língua portuguesa é imposta por iniciativa do Marquês de Pombal, ministro de Dom José I, proibindo o uso da língua geral na colônia e o seu ensino nas escolas. Assim, os índios não poderiam usar oficialmente nenhuma outra língua que não fosse a portuguesa.

Dessa forma, o português passa a ser tanto a língua oficial do Estado como a língua mais falada do Brasil. Inicialmente, o português brasileiro herdou cerca de 10 mil vocábulos do tupi-guarani, palavras estas ligadas à flora e à fauna como: abacaxi, mandioca, caju, tatu, piranha, bem como nomes próprios e geográficos.

Ainda segundo Ilari (2001), entre 1538 e 1855, dá-se o fluxo de escravos trazidos da África. Para se ter uma ideia, no século XVI, foram trazidos para o Brasil 100.000 negros. Este número salta para 600.000 no século XVII e 1.300.000 no século XVIII. Com isso, a língua falada na colônia recebeu novas contribuições. Estima-se em 300 o número de palavras incorporadas ao léxico do português brasileiro.

“A maioria do vocabulário está ligada à religião e à cozinha afro-brasileiras, palavras como: caçula, moleque e samba. A influência africana no português do Brasil deve-se principalmente aos lorubas, originários da costa oeste africana, vindos da Nigéria.” ILARI, 2001, p. 56).

A chegada da família real, marca o segundo momento da língua portuguesa no Brasil, caracterizando o fortalecimento da língua portuguesa e o fim do bilinguismo. Conforme Teyssier (2004), a família real mais propriamente, o príncipe regente, que se tornará o rei D. João VI, se refugia no Brasil, em razão da invasão

do país pelas tropas de Napoleão Bonaparte, com toda sua corte, ocasionando um “reaportuguesamento” intenso da língua falada nas grandes cidades.

O terceiro momento da língua portuguesa no Brasil é marcado em 1822 com o evento chave, a independência do Brasil. Depois da independência, o português no Brasil alcançou extensões maiores, sofrendo muitas influências de imigrantes europeus vieram para o país e ficaram no centro e sul. Tal fato, explica algumas modalidades de pronúncia e algumas modificações nos léxicos existentes entre as regiões do Brasil, variando de acordo com o fluxo migratório que cada uma recebeu.

Dessa forma, segundo Teyssier (2004), o Brasil vai se afastando aos poucos das suas raízes linguísticas, mais precisamente das raízes indígenas, devido o processo da independência. Passou-se a ter uma maior valorização com a cultura francesa, além de imigrantes europeus de outras nacionalidades como alemães e italianos, razão pela qual se explica o “branqueamento” do Brasil. Com o aumento constante dos índices demográficos, devido a migração campo-cidade e com o crescimento econômico em desenvolvimento, o português brasileiro passa ser mais explorado nas grandes megalópoles.

## 1.2 DIRECIONAMENTOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

O Brasil é um país com grandes desigualdades sociais e uma das mais graves, por não ser tão nítida e abordada como as outras desigualdades, ocorre com a língua, desde a colonização dos Portugueses e a implantação da Língua Portuguesa como língua nacional. O português não existia no currículo escolar, servindo apenas como instrumento de alfabetização. Com a reforma Pombalina, tornou-se obrigatório o ensino do português nas escolas. O estudo da língua portuguesa passou a fazer parte do currículo escolar sob as formas de retórica, poética e gramática, esses três pontos se unificaram e passou a ser denominado de Português.

O ensino de língua materna estava direcionado à gramática e à retórica, limitado ao ensino das tradicionais gramáticas e de textos de autores consagrados, também porque o alunado fazia parte da elite da época, até que as classes menos favorecidas economicamente reivindicaram o direito à escolarização, dessa forma

houve o início da democratização da escola, com a classe dos falantes estigmatizados ingressando na escola. Novas perspectivas foram surgindo no ensino de língua materna, devido às necessidades socioculturais que foram surgindo, pelo fato da escola não atender somente à elite, mas também à classe dos menos prestigiados.

Com o surgimento da linguística, e de outras novas teorias que apareceram junto com ela, viabilizava-se uma nova teoria para o estudo da língua. Interferências significativas foram trazidas pela Sociolinguística, apontando e mostrando como se trabalhar as diferenças entre as variedades de prestígio e as variedades não-padrão, consideradas até então como erros da língua portuguesa, por tradicionalistas gramaticais, o que alertou os professores para uma nova postura diante o ensino da Língua Portuguesa. O ensino de língua materna, com isso, passou a perceber através da Sociolinguística uma nova forma de preconizar a língua, valorizando a interação linguística, a valorização do sujeito e da heterogeneidade linguística dos alunos.

Ou seja, o ensino de Língua Portuguesa, desde a implantação dos postulados da sociolinguística tem passado por modificações, que podem ser consideradas como formas de atender às necessidades linguísticas dos falantes. Tal ensino deve dar importância às dificuldades de compreensão vivenciadas pelos alunos no processo de ensino e aprendizagem, com intervenções na língua e na cultura linguística dos discentes. Mas o padrão para o ensino de Língua Portuguesa estabelecido pela escola ainda está direcionado ao ensino da gramática normativa, que se trata de um conjunto de regras que nada tem a ver com a linguagem que utilizamos no dia a dia, não passando de regras a serem decodificadas, sem levar em conta a função e propósito comunicativo.

A norma padrão pode ser associada ao poder social, isso nos faz retroceder ao início da implantação da Língua Portuguesa como disciplina, seguindo o viés da gramática normativa e de textos de autores consagrados, quando a clientela se tratava apenas da elite, remetendo ao fato de que foi seguindo esse pressuposto que o ensino de língua materna, ou melhor, o ensino de gramática, o ensino da norma-padrão, passou a desprezar as variedades estigmatizadas.

A escola elegeu como norma-padrão as práticas socioculturais de uma cultura letrada, a tradição normativa enraizada no ensino purista da língua, reduzindo-a as regras gramaticais que vê apenas “acertos” e “erros” e condena o uso das

variedades que contradiga as normas gramaticais, causando, dessa forma, discriminação e exclusão social, através do ensino da língua. O ensino de Língua Portuguesa foi limitado desde os primórdios ao tradicionalismo gramatical, e é refletido até os dias atuais. A sociedade educada no século XX pode ser considerada como preconceituosa, linguisticamente, por considerar o caráter simbólico nacional do padrão normativo.

Para romper essas barreiras impostas por tradições gramaticais, surge a vertente da Linguística, com estudo delimitado da relação entre língua e sociedade, eliminando desta forma preconceitos e afirmando que todas as línguas e variedades de uma língua são igualmente complexas e eficientes para o exercício de todas as funções a que forem destinadas, provocando a compreensão de que os fins comunicativos podem ser adequados pelo próprio falante da língua, de acordo com a situação interacional na qual se encontra.

Tais apontamentos sociolinguísticos despertam nos professores uma nova postura diante do ensino de língua materna em sala de aula, respeitando as variedades trazidas pelos alunos, sem praticar a correção do que é “certo” e “errado” na língua, desta forma o docente está valorizando uma cultura linguística que o aluno já possui. Outra proposta a ser adquirida pelo professor para o ensino de língua materna em sala de aula é que não se pode passar as variações numa espécie de “peneira” de valores. É preciso abordar em sala de aula as duas faces do ensino da língua portuguesa, sem distinção de valores.

## 2.2 A POSTURA DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA FRENTE AOS NOVOS DIRECIONAMENTOS DA LÍNGUA MATERNA

As discussões sobre a docência em língua portuguesa evidenciam que os fundamentos teóricos para a prática docente são de grande importância para o aperfeiçoamento do professor em sala de aula, pois são esses fundamentos que conscientizam o docente a tomar determinadas decisões, no que diz respeito ao planejamento de aulas, a escolha das atividades a serem realizadas em sala, ao gerenciamento das aulas e ao processo de avaliação. Entretanto, há um evidente despreparo do professor em relação a teoria do ensino de Língua Portuguesa. “[...] o

professor precisa se conscientizar da necessidade de dominar determinados conhecimentos teóricos...” (OLIVEIRA, 2010, p.23).

No contexto das bases teóricas da docência influenciam na aprendizagem e o professor precisa conhecê-las para saber repassar o conteúdo para seus alunos. As concepções mais discutidas são: inatista, behaviorista e interacionista, cada uma com pontos de vista diferentes quanto a aprendizagem.

Segundo o inatismo, o ambiente social não pratica influência alguma sobre o indivíduo, ou seja, esta visão defende que os seres humanos nascem programados biologicamente para falar, e que a linguagem se desenvolve naturalmente nas crianças. Desse modo o professor não exerce grande influência no aprendizado do aluno, visto que este não precisa do professor para desencadear o processo de aprendizagem.

Ainda com essa concepção, o aluno que se sobressai com aprendizado é porque já nasce com essa tendência para aprender. Dessa maneira, o inatismo passou a ser questionado por psicólogos e educadores, dando luz a uma nova concepção de aprendizagem: a behaviorista. Esta se diferencia do inatismo, pois através de um mecanismo de estímulos, diz que o meio é responsável por todo o processo de aprendizagem do ser humano.

Pela visão behaviorista, o aluno é um ser passivo perante o processo de aprendizagem, visto que alguém – o professor - origine seus estímulos. Neste caso, entende-se que o professor é o responsável pelo processo de aprendizagem do aluno. “[...] o papel do professor é completamente minimizado, pois ele é um elemento do ambiente no qual os alunos estão inseridos...”. (OLIVEIRA, 2010, p.25).

Já o interacionismo é uma concepção bem diferente da inatista e behaviorista, vê o aprendizado como um processo de interação que envolve as três concepções. Essa teoria interacionista inclui três fatores fundamentais: o aprendiz, os elementos de sua natureza biológica e o meio sociocultural. Por essa concepção o aluno deixa de ser passivo, e torna-se um sujeito ativo com capacidade de construir seus próprios conhecimentos.

Ao professor cabe a tarefa de fornecer informação para os alunos produzirem seus conhecimentos. Dessa forma, o interacionismo se difere do behaviorismo que conhece o ato de ensinar como transferência de conhecimento. Portanto, o interacionismo conhece o ato de ensinar como facilitação da aprendizagem dos alunos. Sendo assim, o professor vê estes como seres ativos e com condições de

construir seus conhecimentos, e o docente passa a ser visto pelos estudantes como mediador do processo de aprendizagem.

As ações interacionistas que articulam o conceito de ensino como prática pedagógica aconteceu da seguinte forma: o professor visto como facilitador, tem o dever de colaborar com a criação de uma atmosfera afetiva, emocional e psicológica para ajudar na aprendizagem do aluno. Significa dizer que o professor não deve usar o papel de dominador em sala, àquele que sabe tudo. Mas sim, está sempre estudando, se atualizando por meio de congressos livros didáticos e outros recursos que ajudem na sua prática docente. É importante que o educador repasse para os alunos bons hábitos de leitura. Só assim, o professor estará colaborando para que os alunos tenham um olhar crítico sobre a gramática, os livros didáticos e outros materiais de linguagens.

No contexto das práticas pedagógicas essenciais do método de ensino, a abordagem é o alicerce teórico dos métodos de ensino, ou seja, ela tem uma importância para a prática docente, construída pela teoria da língua e da linguagem, pois é fundamentando nela que o professor toma atitudes pedagógicas. O professor tem a função de organizar as disciplinas a serem trabalhadas. Essa organização é baseada pela abordagem. Encontramos claramente no projeto os aspectos fundamentais do método como o conteúdo programático, atividades, as funções que os estudantes educadores e os materiais didáticos exercem no processo de ensino-aprendizagem. Já o procedimento corresponde às ações práticas, certo cumprimento ao projeto. Portanto, o procedimento é o que o professor utiliza em sala, a maneira como executa os materiais, as atividades e como avalia a aprendizagem dos alunos.

Assim, a concepção de língua que precisa ser assumida hoje pelos professores de língua portuguesa, é a concepção interacionista ou sóciointeracionista, que vê a língua como um meio de interação sociocultural, ou seja, destaca sua importância de trabalhar a produção de uso linguístico e a interação de situação sócio-comunicativo. Desse modo, o professor de língua portuguesa precisa se desprender da concepção estruturalista, visto que o aluno deve aprender somente a estrutura gramatical, sem se preocupar com os usos que fazem dela. Então, é importante que se tenha conhecimentos gramaticais, acrescidos das habilidades de usar essas regras em situação de uso sociais.

As reflexões até aqui desenvolvidas sugerem que saber português significa não apenas conhecer o domínio das estruturas gramaticais, mas também ter conhecimento das normas sociais e culturais de comportamento que nos facilita a interação. Assim, a língua deve ser tomada como instrumento cultural de interação sócio-comunicativa.

Para a efetivação da interação, há quatro competências indispensáveis ao pleno domínio da língua portuguesa pelo aluno a serem assumidas pelo professor: a competência gramatical, sociolinguística, discursiva e estratégica.

A competência gramatical diz respeito ao conhecimento que o usuário da língua tem das regras e características da língua em uso. Dessa forma, o professor ao planejar as aulas precisa ter consciência que está oferecendo para seus alunos informações gramaticais adequadas e precisas para que se desenvolvam suas competências comunicativas.

A competência sociolinguística é o conhecimento que o usuário da língua possui para se comunicar e entender de acordo com os fatores sociais e culturais no qual está inserido. Portanto, quando o professor coloca o desenvolvimento da importância sociolinguística como um dos objetivos a serem desenvolvidas em sala, é necessário que se considere as variações linguísticas de registro e estilo em seu português, por isso não dá para colocar a gramática como centro das aulas de português, mas também é preciso conscientizar os alunos que há ocasiões que o uso da gramática é fundamental.

A competência discursiva é o conhecimento que permite a cada usuário da língua relacionar as formas de comunicar-se distinguindo formas gramaticais e lexicais em seus discursos falados ou escritos. Cabe ao professor desenvolver atividades de produção e recuperação textual, onde o aluno possa distinguir as diferentes classes gramaticais dentro de um texto. (OLIVEIRA, 2010)

A competência estratégica é a habilidade que o usuário da língua tem como conhecimento de estratégias verbais e não verbais colocando-os em prática. O professor de língua portuguesa deve ajudar os seus alunos a se tornarem autônomos, planejando aulas com objetivo de desenvolver competência estratégica nos alunos. (OLIVEIRA, 2010)

O que se entende, portanto é que língua portuguesa no processo ensino-aprendizagem é colaboradora, ou seja, ajuda aos alunos aplicarem sua competência comunicativa, para se entendam como se comportar de forma linguisticamente

adequado, em situações diversas de interações socioculturais, exclusivamente pela língua escrita. Isso explica que o professor auxilia os alunos a diversificar os gêneros textuais e esclarecer que a língua não é ingênua nem neutra e que ela circula em torno do texto.

De modo geral, pode-se considerar que ensinar e aprender Língua Portuguesa num mundo globalizado em que vivemos, implica desempenhar uma profissão marcada por novos desafios e composição de diversas naturezas, mais por outro lado coloca o docente diante de diversas possibilidades de uma abordagem mais rica e crítica de diversos conteúdos, temas e conceitos essenciais para o entrosamento dos acontecimentos e suas características no âmbito desse mundo completo de relações dinâmicas.

## 2 ASPECTOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Antes de qualquer coisa, é preciso entender que a língua é um objeto social, esse fato veio sendo comprovado ao longo do capítulo anterior. Há uma relação muito ativa ente língua e sociedade, de modo que essa ligação é reconhecida, mas nem sempre assumida como determinante, e encontra-se diretamente ligada à linguística.

Nesse sentido, Alkmim (2001) mostra que a Linguística do século XX teve um papel decisivo em considerações da relação linguagem-sociedade, encarregada de excluir toda consideração de natureza social, histórica e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno linguístico.

A língua só ganha forma, ou seja, só se materializa por meio de seus usuários, os quais são influenciados, de forma consubstancial, por aspectos socioculturais. Por isso, sua variação decorre do nível de escolaridade do falante, do lugar geográfico em que ele se acha inserido, de sua faixa etária, contexto situacional em que se encontra e outros fatores. (SILVA E CARVALHO, 2013, P. 94)

Os estudos relacionados à linguagem e sociedade, estão inscritos na reflexão de vários autores do século XX. A partir dos anos 1930, encontramos linguistas cujas obras são referências obrigatórias, quando se trata de pensar a questão social no campo dos estudos linguísticos. Nesse sentido, o estudo da sociolinguístico, no que se refere mais especificamente a abordagem da variação linguística entra na nossa realidade como uma abordagem indispensável para o tratamento da língua em sala de aula.

### 2.2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A língua está em constante transformação, porque é viva e assume um papel social diante dos seus falantes. Ela é dinâmica, multiformal, determinada por meios estruturais e sociais. Isso implica dizer que as escolhas linguísticas do falante são feitas conforme as necessidades empregadas, conveniências consideradas e, contrário ao que se costuma erroneamente pensar, não ocasionam a degradação, o aviltamento da língua. O que tão somente se procede é o aproveitamento da riqueza

e da preciosidade da língua residente nas suas inúmeras nuances, peculiaridades. Essas diferenças fazem os indivíduos iguais em meio as diferenças.

Por essa razão, é importante considerar e respeitar cada falante da língua, com suas peculiaridades, pois entende-se que:

A negação a de modos distintos de se usar a língua não passa de uma atitude preconceituosa que, tal como já referenciado, se dá em virtude de, historicamente, ter-se ‘construído’ a norma padrão, referenciada pelas gramáticas normativas, como privilegiada socialmente, embora todas as variantes linguísticas tenham prestígio em seus contextos de uso, assim como estrutura e funcionamento. (SILVA E CARVALHO, 2013, P. 94)

Segundo Alkmim e, nesse sentido, a diversidade linguística possui fatores diversos, como:

- a) Identidade social do emissor ou falante- referente aos dialetos de classes sociais e das diferenças entre falas femininas e masculinas;
- b) Identidade social do receptor ou ouvinte- estudo das formas de tratamento;
- c) O contexto social- estudo das diferenças entre a forma e a função dos estilos formal e informal;
- d) O julgamento social distinto que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico sobre o dos outros.

Isso significa que em uma mesma comunidade de fala, pessoas de origem geográfica, de idade, de sexos diferentes falam distintamente. Os falantes adquirem as variedades linguísticas próprias a sua região, a sua classe social etc. Podemos definir de modo geral, as variedades a partir de dois parâmetros básicos: a variação geográfica (ou diatópica) e a variação social (ou diastrática). (SILVA E CARVALHO, 2013, p. 95).

Os PCNs consideram que o ensino de Língua Portuguesa deve se responsabilizar pelo pleno desenvolvimento das competências linguísticas e comunicativas do falante, nas modalidades oral e escrita. Quando se refere ao pleno domínio da língua e uso da língua(gem), notadamente, na modalidade oral, se reporta ao estudo das variações linguísticas, “o que significa anulação do ensino essencialmente tradicional, no qual a língua(gem) é esvaziada como meio de interação”.

De acordo com os PCNs Os conteúdos de Língua Portuguesa giram em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita, e a reflexão sobre a língua e a linguagem. Em função de tais eixos, os conteúdos propostos estão organizados, por um lado, em Prática de escuta realizada pelo sujeito para compreender e interpretar textos orais e de leitura de textos e prática de produção de textos orais e escritos, ambas articuladas no eixo USO; e, por outro, em Prática de análise linguística, organizada no eixo.

O ensino de Língua Portuguesa “apresenta um alto grau de diversidade e de variabilidade” (BAGNO, 2003, p. 16), essas que são determinadas tanto por questões geográficas como social. No entanto, as escolas desconhecem essa heterogeneidade e, por conseguinte os fenômenos linguísticos naturais da língua.

Pensando sobre essa questão mais profundamente, Bagno (2003, p. 15) coloca:

[...] a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização.

A imposição da norma culta é veemente, mesmo já tendo um avanço em relação as metodologias de ensino, tenta se priorizar o monolíngüístico em detrimento da variação linguística. E tal situação pode ser constada no material do Livro didático, doravante, LD, conforme coloca Bagno:

Um dos principais problemas encontrados nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas. Parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais ‘correto’, mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação.(BAGNO, 2007, p. 15).

A abordagem da variação pode até ser feita nos LD, porém nem sempre é feita de modo que possibilite a compreensão deste fenômeno enquanto uma material social e não como puramente um objeto de escolarização.

Outa questão que vale destaque e também observada por Bagno é a terminologia que tende a ser confundida com a norma-padrão adsorvida pelas gramáticas com uma variedade real de língua (norma culta) empregada pelos falantes escolarizados. A norma-padrão da norma culta é separada, prevalecendo:

[...] a ideia de que o ‘português são dois’, quando na realidade, o português brasileiro são três: uma norma-padrão, que não é a língua de ninguém; um conjunto de variedades estigmatizadas e um conjunto de variedades prestigiadas, cada um deles caracterizando grupos sociais específicos. (BAGNO, 2007, p. 131).

Diante disso, temos um constante e grande problema na abordagem do livro didático em relação a variação linguística, mais especificamente, a forma como essa modalidade é tratada diante de uma norma culta já estabelecida como certa. Não se vê a língua como um conjunto de convenções sociais modificáveis e variáveis, mas sim como uma camada da nossa competência estanque e invariável.

De modo geral, Bagno rejeita o conhecimento simplista que separa o uso da língua em “certo” e “errado”, dedicando-se a uma investigação mais densa e apurada dos acontecimentos presentes no português falado e escrito do Brasil.

### 3 ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO

Este capítulo pretende analisar o *corpus* selecionado do livro didático do ensino fundamental buscando verificar a abordagem da variação linguística no ensino de língua portuguesa. Assim apresentamos o primeiro critério a ser avaliado: O Livro Didático de Língua Portuguesa do 6º ano do ensino fundamental: **Português Linguagens**, de Thereza Cochar e William Cereja, trabalha com a variação linguística?

Quanto a organização estrutural do livro, ele é constituído por quatro unidades, e cada unidade é constituída por três textos, incluindo, reflexões sobre linguagem e produção de textos escritos ou orais. Além disso, o livro conta com recursos imagéticos: tira, histórias em quadrinhos, relato pessoal, cartaz, entre outros. Bem como considera praticas digitais, quando utiliza os gêneros digitais: e-mails, blog, twitter e o comentário vinculado as redes sociais.

O material conta com duzentas e setenta e duas (272) páginas, sendo contabilizado até sua biografia. O quadro a seguir sintetiza essas informações:

UNIDADES	CAPÍTULOS	SEÇÕES DOS CAPÍTULOS
<b>UNIDADE 1</b>	CAPITULO 2 PATO AQUI, PATO ACOLÁ	O patinho bonito, Marcelo Coelho Estudo do texto Compreensão e interpretação Leitura expressiva do texto Trocando ideias Ler é um prazer Produção de texto A língua em foco As Variedades linguísticas Norma-padrão e variedades de prestígio Variação linguística e preconceito social Falar bem é falar adequadamente Tipos de variação linguística As variedades linguísticas na construção do texto Semântica e discurso
<b>UNIDADE 1</b>	CAPITULO 3 - Ó PRINCESA! JOGUE-ME SUAS... LEITURA : CARTUM MORDILLO	Produção de texto O conto maravilhoso : do oral para o escrito e do escrito para o oral Do oral para o escrito

		<p>Do escrito para o oral</p> <p>Para escrever com expressividade</p> <p>O dicionário: palavras no contexto</p> <p>A língua em foco</p> <p>pTexto, discurso, gêneros do discurso</p> <p>A intencionalidade discursiva</p> <p>Os textos e os gêneros do discurso</p> <p>A intencionalidade discursiva na construção do texto</p> <p>Semântica e discurso</p> <p>Passando a limpo</p> <p>INTERVALO.. PROJETO: HISTÓRIAS DE HOJEE SEMPRE</p>
UNIDADES	CAPÍTULOS	SEÇÕES DOS CAPÍTULOS
UNIDADE 2- CRIANÇAS	CAPITULO 1 – O FAZENDEIRO DA CIDADE	<p>Leitura: menino de cidade, Paulo Mendes Campos</p> <p>Estudo do texto</p> <p>Compreensão e interpretação</p> <p>A linguagem do texto</p> <p>Leitura expressiva do texto</p> <p>Cruzando linguagens</p> <p>Trocando ideias</p> <p>Ler é reflexão</p> <p>Produção de texto- historias em quadrinhos (I)</p> <p>A língua em foco</p> <p>O substantivo</p> <p>Classificação dos substantivos</p> <p>O substantivo na construção do texto</p> <p>Semântica e discurso</p>
UNIDADES	CAPÍTULOS	SEÇÕES DOS CAPÍTULOS
UNIDADE 2- CRIANÇAS	CAPITULO 2- ENTRE IRMÃOS LEITURA : A MALA DE HANA KAREN LEVINE	<p>Estudo do texto</p> <p>Compreensão e interpretação</p> <p>A linguagem do texto</p> <p>Leitura expressiva do texto</p> <p>Trocando ideias</p> <p>Produção de texto- Histórias em quadrinhos (II)</p> <p>A linguagem dos quadrinhos</p> <p>Para escrever com adequação</p> <p>O dialogo</p> <p><b>A língua em foco</b></p> <p>O adjetivo</p> <p>Classificação dos adjetivos</p> <p>O adjetivos na construção do texto</p> <p>Semantica e discurso</p>

		<p><b>De olho na escrita</b> Dígrafo e encontro consonantal</p>
UNIDADE 2- CRIANÇAS	<p>CAPITULO 3- ENSAIOS DE VIDA LEITURA CABRA-CEGA , GIOVANNI BATTISTA TORRGLIA</p>	<p><b>Produção de texto</b> História em quadrinhos(III) Como se faz uma história em quadrinhos <b>A língua em foco</b> Flexão dos substantivos e dos adjetivos: gênero e número Flexão dos substantivos Flexão dos adjetivos A flexão dos substantivos e dos adjetivos na construção do texto Semântica e discurso <b>De olho na escrita</b> Encontros vocálicos INTERVALO- PROJETO: EU TAMBEM FAÇO</p>
UNIDADE 3- DESCOBRINDO QUEM SOU EU	<p>CAPITULO 1 – NO FRESCOR DA INOCÊNCIA LEITURA: BANHOS DE MAR, CLARICE LISPECTOR</p>	<p>Estudo do texto Compreensão e interpretação A linguagem do texto Leitura expressiva do texto Trocando ideias Ler é diversão Produção de texto O relato pessoal A língua em foco O grau dos substantivos e dos adjetivos Grau dos substantivos Grau dos adjetivos O grau na construção do texto Semântica e discurso</p>
UNIDADE 3- DESCOBRINDO QUEM SOU EU	<p>CAPITULO 2 – O PREÇO DE PENSAR DIFERENTE LEITURA: EU SOU MALALA , MALALA YOUSAFZAI</p>	<p>Estudo do texto Compreensão e interpretação A linguagem do texto Cruzando linguagens Trocando ideias Produção de texto A carta pessoal O diário Para escrever com expressividade A descrição A língua em foco O artigo</p>

		<p>Flexão e classificação dos artigos</p> <p>O artigo na construção do texto</p> <p>Semântica e discurso</p> <p>De olho na escrita</p> <p>Divisão silábica</p>
<p>UNIDADE 3- DESCOBRINDO QUEM SOU EU</p>	<p>CAPITULO 3- O EU QUE EXISTE EM MIM</p> <p>LEITURA: VESTIDO DE FESTA, NORMAN ROCKWELL</p>	<p>Produção de texto</p> <p>Os gêneros digitais: email, blog,twitter,comentários</p> <p>O e-mail</p> <p>Oblog</p> <p>O twitter</p> <p>O comentário</p> <p>A língua em foco</p> <p>O numeral</p> <p>Classificação dos numerais</p> <p>O numeral na construção do texto</p> <p>Semântica e discurso</p> <p>De olho na escrita</p> <p>Silaba tônica e silaba átona</p> <p>Palavras oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas</p> <p>INTERVALO.. PROJETO: EU TAMBÉM FAÇO HISTÓRIA</p>
<p>UNIDADE 4- VERDE, ADORO VER-TE</p>	<p>CAPITULO 1- ASAS DA LIBERDADE?</p> <p>LEITURA: TUIMCRIADO NO DEDO RUBEM BRAGA</p>	<p>Estudo do texto</p> <p>Compreensão e interpretação</p> <p>A linguagem do texto</p> <p>Trocando ideias</p> <p>Produção de texto</p> <p>O artigo de opinião</p> <p>A língua em foco</p> <p>O pronome</p> <p>Os pronomes e a coesão textual</p> <p>Classificação dos pronomes</p> <p>O pronome na construção do texto</p> <p>Semântica e discurso</p> <p>De olho na escrita</p> <p>Acentuação (l)</p> <p>Acentuação das oxítonas s dos monossílabos tônicos</p> <p>Acentuação das proparoxítonas</p>
<p>UNIDADE 4- VERDE, ADORO VER-TE</p>	<p>CAPITULO2 – A NATUREZA PEDE SOCORRO</p> <p>LEITURA: A LONGA LISTA DOS CONDENADOS, REVISTA VEJA</p> <p>QUAIS SÃO OS ANIMAIS</p>	<p>Estudo do texto</p> <p>Compreensão e interpretação</p> <p>A linguagem dos textos</p> <p>Cruzando linguagens</p> <p>Trocando ideias</p> <p>Produção de texto</p> <p>Para escrever com coerência e a coesão textuais</p>

	AMEAÇADOS DE EXTINÇÃO NO BRASIL REVISTA EPOCA	A coerência textual A coesão textual A língua em foco O verbo(I) Conjugações Flexão dos verbos O verbo na construção do texto Semântica e discurso
UNIDADE 4- VERDE, ADORO VER-TE	CAPITULO 3- NATUREZA NO MUSEU CARTUM MARCIO COSTA	Ler é reflexão Produção de texto A exposição oral e o cartaz A exposição oral O cartaz A língua em foco O verbo (II) Os tempos verbais Modelos de conjugação verbal Semântica e discurso De olho na escrita Acentuação (II) INTERVALO... PROJETO: SE É MEIO AMBIENTE, ESTOU NO MEIO

No quadro, apresentado acima, mostramos a estrutura do livro, unidades, capítulos e sessões de capítulos, com seus respectivos títulos. Nele, podemos visualizar nitidamente, cada parte do livro e, a partir disso, observar que o mesmo adota propostas de leitura, escrita, oralidade e análise linguística. No quadro, damos destaque ao capítulo2 – **Pato aqui, pato acolá** da unidade I. A relevância se dá por esse capítulo ser a parte que trabalha as variedades linguísticas incluindo os tipos de variação linguística, preconceito social e a variedade de prestígio.

O LD apresenta ainda os mais variados conteúdos, tais como: substantivo, adjetivo, artigo entre outros. No entanto focaremos apenas na tabela abaixo no que diz respeito a quantidade de páginas dedicadas a variação linguística, vejamos: Há aproximadamente 10 páginas dedicadas a variedade linguística entre teoria e atividades.

A partir de agora iniciaremos a análise do corpus, objetivando atingir o terceiro objetivo específico elaborado para esta pesquisa: descrever como a

variação linguística trabalha no livro de didático selecionado como *corpus*, assim para desenvolvê-lo, seguimos o segundo critério de análise

O LDP do 6º ano do ensino fundamental: **Português Linguagens**, de Thereza Cochar e William Cereja, prioriza os critérios de classificação das palavras: Mórfico (forma), Sintático (função) e semântico(sentido) como são abordados?

Inicialmente, afirmamos que o livro de didático trabalha os critérios citados acima, priorizando sempre o semântico sobre os demais, inclusive discutindo a proposta de semântica e discurso.

Vejamos como isso acontece a partir de agora. A primeira página do LD que trabalha com variação linguística, apresenta inicialmente a leitura de uma tirinha de Fernando Gonsales. Em seguida, trabalha uma atividade de quatro questões que considera leitura e interpretação. Como podemos observar na figura abaixo.

(FIGURA 1)

**A língua em foco**

**AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS**

**CONSTRUINDO O CONCEITO**

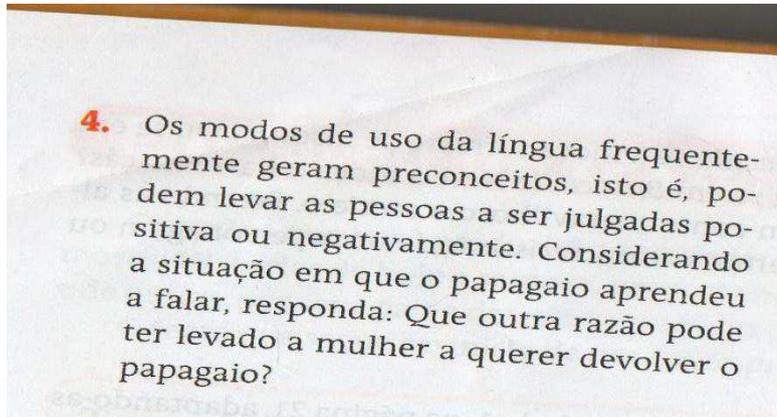
Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.



(Folha de S. Paulo, 3/8/2007.)

- O humor da tira é construído a partir das diferenças de uso da língua portuguesa. No 1º quadrinho, o papagaio fala algumas palavras que causam estranhamento à mulher.
  - Que palavras causam estranhamento à mulher?
  - Como provavelmente ela diria essas palavras?
- Para que o leitor compreenda bem a tira, é necessário que ele tenha conhecimento sobre como os papagaios aprendem a falar. De que forma isso acontece?
- No 2º quadrinho, a mulher procura o comerciante para devolver o papagaio.
  - Qual é a provável relação entre o homem e o papagaio?
  - A surpresa e a graça da tira estão na fala do comerciante. O que a fala dele revela?

Podemos observar que as três primeiras questões intituladas Construindo o Conceito, Os autores fazem uma abordagem de interpretação da tira, no entanto, implicitamente já consegue semear no aluno a ideia de diferença de uso de língua portuguesa.



Na quarta questão os autores induzem o aluno a pensar e refletir sobre língua e sobre os aspectos negativos de se falar “errado”, a repensar sobre o uso adequado ou inadequado da língua, ou seja, questionamentos sobre certo ou errado. A tarefa do professor é conscientizar no aluno o combate ao preconceito apresentando a língua como heterogênea passiva de mutações.

Explicar que a mudança de L por R em encontros consonantais é passível de acontecer, enfatizar também que na história da língua portuguesa muitas palavras que tem um R apresentavam um L na sua origem. Sendo assim esse suposto “erro” tem uma explicação científica que é possível buscar explicações para os fenômenos que nos cercam.

Em seguida, os autores apresentam o conceito de variedade linguística e sua definição afirmando que: “Variedade Linguística são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada” (Cochar e Cereja, 2015, p.40).

Na mesma página os autores constatam ainda que o uso da língua sofre variações geográficas e de fatores como: idade, profissão e escolaridade. Os autores ainda fazem observações históricas pertinentes sobre as línguas. É importante frisar que os autores se propuseram a construir o conceito de variedade linguística dando ao aluno a oportunidade de refletir sobre a língua antes das definições, propondo assim o aluno a inferir seus próprios conceitos de mundo na leitura e interpretação.

Com base no conceito dos autores é importante salientar que nas páginas que se sucedem são explanadas teorias relacionadas a norma-padrão, preconceito social e falar adequadamente.

Na segunda atividade iremos fazer uso novamente da tira como método didático, a tira, de Adão Iturrusgarai. A atividade propõe duas perguntas que iremos visualizar na figura abaixo :

(FIGURA 2)



1. Zezo e seus pais vão a um casamento, e o pai de Zezo reclama da roupa do filho.
  - a) Como Zezo está vestido no 1º quadrinho? Essa roupa é formal ou informal?
  - b) E os pais, como estão vestidos? Essa roupa é formal ou informal?
  - c) Como o pai de Zezo esperava que o filho se vestisse para ir à festa?

2. O humor da tira concentra-se no último quadrinho. Zezo atendeu à expectativa dos pais? Por quê?

A tira cria humor a partir do conceito de adequação e inadequação das roupas. Com a língua diferente: variamos o emprego da língua de acordo com a situação.

Em situações mais formais, empregamos uma variedade linguística mais formal e próxima da norma-padrão. Em situações informais, empregamos igualmente uma variedade linguística informal, sem a rigidez das regras da norma-padrão.

Quando entramos na escola, já conhecemos e dominamos algumas variedades, como a falada na família, na rua ou no bairro. Porém, na escola, temos a oportunidade de nos apropriar de variedades linguísticas de prestígio, que poucas pessoas dominam e são indispensáveis para nossa vida social e profissional.

Enfim, todas as variedades linguísticas têm seu valor e sua importância. Mas saber usar bem uma língua significa saber empregar a variedade linguística mais adequada a cada situação.



Nessa atividade os autores procuram inferir sentido sobre o conceito de adequação e inadequação fazendo uma analogia das roupas com a língua. Abordam que há situações que devemos fazer uso da norma formal e que a escola é um ambiente propício para aprendizado da norma padrão que tem seu valor e importância nas esferas sociais e profissionais. Nesse contexto expõe que a variedade linguística faz parte do nosso dia-a-dia nas mais variadas situações. Enfatiza ainda a importância da variedade linguística ser usada adequadamente no contexto inserido.

No decorrer das páginas dedicadas a variedade linguística predominam abordagens dos tipos de variação, tais como: diferenças de lugar ou região, escolaridade, classe social, histórica, oralidade e escrita, formalidade e informalidade e a gíria.

### (FIGURA 3)

Na terceira atividade a ser analisada, novamente se faz uso na tira, de Adão Iturrusgarai. Desta vez fazendo a associação da variedade linguística com o gerúndio das palavras. Nas questões 1 e 2 Vejamos como isso acontece a partir do classificado abaixo.

**EXERCÍCIOS**

Leia a tira a seguir, de Adão Iturrusgarai, e responda às questões 1 e 2.

(Folha de S. Paulo, 14/3/2012.)

- A tira satiriza o emprego da “tiponite” e do “gerundismo”.
  - O que é “tiponite”?
  - Sabendo-se que o sufixo **-ite** é muito empregado em nomes de doença (como **apendicite**, **amigdalite**) e significa “inflamação”, conclua: Qual é a visão do autor da tira a respeito da “tiponite”?
  - Que grupos sociais costumam apresentar esse uso na linguagem?
  - Dê sua opinião: Empregar a “tiponite” ajuda as pessoas a se identificarem com os colegas e serem aceitas no grupo? Por quê?

Assim como podemos observar, na figura as perguntas das questão 1) a) e b) são referentes ao gerundismo e a tiponite. Essas questões são abordadas de modo a satirizar determinados usos repetitivos ou excessivos da linguagem, bem como chamar atenção do aluno na percepção de um determinado vocabulário. As Gírias são expressões próprias que se estende a todas as camadas sociais e deve ser reparado em alguns grupos sociais.

Nas letras c) e d) foram abordados os possíveis grupos sociais que podemos fazer parte e que a variedade linguística pode ser um possível indicador para os mais variados grupos sociais. Esses questionamentos levantados possibilita ao aluno pensar na língua e nas mais diversas possibilidades de concretização da fala, proporcionando ainda a reconhecer outros grupos que não o deles, como por exemplo, que variedade um grupo de idosos usa, um grupo de rock, etc.

Na sequência da atividade continua com 3 já que a questão 2 trata apenas do fenômeno do gerúndio. Vejamos a figura:

Leia o anúncio a seguir e responda às questões de 3 a 5.



**FAROL** **SINAL**

**PAULISTANOS E CARIOCAS DE OLHO NO SEU ANÚNCIO.**

Na hora de anunciar, converse logo com quem interessa. Anuncie nos cadernos especiais temáticos de *Veja São Paulo* e *Veja Rio*. A mídia que garante um público selecionado, com ambiente editorial qualificado e pontual. Programe-se para o ano todo. Fique de olho no calendário. Aproveite também a grande novidade: o conteúdo on-line está à disposição para você emitir o seu produto.

SÃO PAULO (11) 3037-5748 - RIO (21) 2546-8114 - OUTROS ESTADOS (11) 3037-5578  
[www.midiaveja.com.br](http://www.midiaveja.com.br) - [publicidade.veja@abrj.com.br](mailto:publicidade.veja@abrj.com.br)  
[www.veinha.com.br/tematicos](http://www.veinha.com.br/tematicos) - [www.veja-rio.com.br/tematicos](http://www.veja-rio.com.br/tematicos)

3. A respeito do anúncio, responda:  
 a) Quem é o anunciante?  
 b) Quem são os destinatários do texto?  
 c) Qual é a finalidade do anúncio?

4. Na parte de baixo do anúncio, em letras menores, lê-se: "Na hora de anunciar, converse logo com quem interessa. Anuncie nos cadernos especiais temáticos de *Veja São Paulo* e *Veja Rio*". Considerando o objetivo do anúncio, responda: Por que a imagem principal que se vê nele é a de um semáforo?

Observamos que a figura apresenta, um gênero textual anúncio e portanto as perguntas referentes ao gênero, como é o caso das questões 3 e 4. Por tanto analisamos apenas a questão 5.

5. Observe que, de cada lado do semáforo, há uma palavra: **farol**, à esquerda, e **sinal**, à direita.

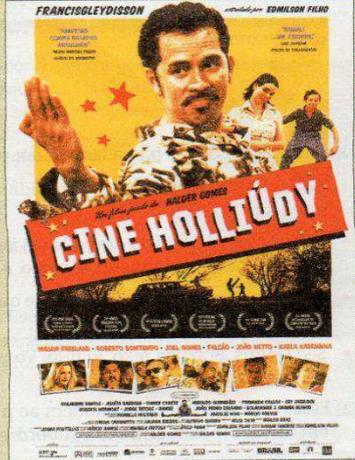
a) Considerando a finalidade do anúncio, interprete: Por que o anunciante escolheu essas palavras e as dispôs dessa forma no texto?

b) Em sua cidade, que palavra é usada para designar semáforo?

**Salve o pernambucês e o cearencês!**

Conheça algumas das palavras e expressões usadas em Pernambuco e em outras cidades do Nordeste:

**aperreio**: preocupação, angústia  
**aranga**: pequena briga  
**bricado**: embriagado  
**bufo**: desbotado  
**canou-se**: expressão usada por alguém para indicar espanto ou anunciar que vai embora  
**fradeiro** ou **peba**: fraco, sem valor, sem qualidade  
**liso**: pobre ou em dificuldades financeiras  
**mangar**: rir de alguém ou de algo  
**mói**: grande quantidade  
**munganga**: careta  
**que**: expressão usada para indicar espanto  
**pantim**: vergonha ou frescura  
**rabissaca**: gesto de desdém, de dar as costas  
**rencia**: grupo de pessoas  
**virado na catita**: alguém rápido  
**zexero**: caloteiro, que não paga as contas



Cartaz do filme *Cine Hollidúdy*, de Halder Gomes, o primeiro filme brasileiro falado em cearencês, com legendas em português.

O LD trabalha questão 5 nas letras a) e b) sobre a variedade de lugar entre São Paulo e Rio de Janeiro ambas da região sudeste, porém apresentam uma variedade linguística nas palavras farol e sinal, questiona ainda como é usada a palavra que designa semáforo na cidade do aluno.

Uma triste realidade que ainda permeia o ensino de língua portuguesa, são os métodos didáticos utilizado pelo PNLN, que ainda não consegue adaptar o livro didático a realidade do aluno. Ora, se trata de variação por que não fazer uso da variação mais estigmatizada que é a variação regional sobre tudo das regiões norte e nordeste, por que não fazer um uso de uma atividade com modalidade de ensino direcionados ao sotaque, por que não realiza uma reflexão histórica, social e cultural a cerca dessas falas, por que não fazer uma atividade comum a todos as variedades já que as pessoas do campo não tem acesso a sinais de trânsito, revistas eletrônicas, editoriais etc.

Porque não proporcionar à escola as diferenças dialetais decorrentes de razões sociais, culturais e geográficas que compõem a realidade do país. O ensino de Língua Portuguesa ainda se propõe a ser idealista, pautada no purismo, no prestígio muitas vezes associado a política.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho foi possível alcançar o objetivo traçado, através da análise do livro didático que tentou identificar a abordagem da variação linguística. De início, foi feita uma sondagem pelos principais pressupostos teóricos que tratam da história da língua portuguesa, perpassando por Roma, Portugal e finalmente o Brasil.

Embora seja inegável o avanço do ensino de língua portuguesa, especialmente com a democratização do ensino, mas ainda há muitos preconceitos embutidos em nós quando o assunto é a língua que falamos.

Se a própria história nos diz que a língua vem mudando com o tempo, por que contraria esse fato se somos linguisticamente influenciáveis? O livro didático contradiz os próprios objetivos determinados pelo programa do ensino de língua portuguesa, por essa razão, o livro é importante, mas não pode ser tido como um único objeto pedagógico de ensino. Ele sozinho não é capaz de abarcar a prática pedagógica do educador. Nesse sentido, o professor precisa ser um constante pesquisador linguista, acompanhar as novas convenções e procurar formas que preencham as lacunas do L.D

## REFERÊNCIAS

ALKIMIM, T. M. **Sociolinguística** – parte I. In: MUSSALIM, F; BENTES, A C. (orgs.) Introdução à linguística: domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2011, p. 21-47.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 31 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BRASIL, **Ministério da Educação e Cultura**. Secretaria do ensino fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: português. V. 2. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.

DA SILVA, Sílvio Ribeiro. **Variação linguística no livro didático de português ALP** – 4º ciclo. Ideação – Revista do Centro de Educação e Letras – Comunicação. UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu. V 8 – nº 8 p. 137 – 155, 2006.

HAUY, Amini Boainain. **História da Língua Portuguesa**. I – Séculos XII, XIII e XIV. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994 (Série Fundamentos).

ILARI, Rodolfo. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 2001.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. 3. reimpr. São Paulo: Atlas, 2006.

MARTINS, Maria Cristina. **A língua latina: sua origem, variedades e desdobramentos**. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2004. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/36/02.htm>. Acesso em: 05/05/2017

MARTINS, Maria Cristina. A língua latina: sua origem, variedades e desdobramentos. **Revista Philologus**, Ano 12, Nº 36. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2006

NASCIMENTO, Manoel; CARVALHO, Dolores Garcia. **Gramática histórica: segundo grau e vestibulares**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2013

OLIVEIRA Luciano Amaral; **Coisas que todo professor de português precisa saber: A teoria na prática**, São Paulo: Parábola Editorial 2010.

PNLD 2011. **Guia de livros didáticos**. Língua Portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010

SILVA M.F & CARVALHO A.A.M. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA. **Web Revista Sociodialeto**, v 3 , nº 9, Campina Grande, 2013

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.